

# O eu profundo e os outros eus da variação e mudança: hermann paul hermann pai hermann bruxo

The deep self and the other “selves” of linguistic change: Harmann Paul, Hermann father, Hermann wizard

Emilio Gozze Pagotto<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas

## Resumo

O ensaio procura traduzir na própria escrita a complexa relação entre indivíduo e sociedade no processo de variação e mudança. Estabelece, assim, um diálogo com Hermann Paul e com o célebre artigo de WLH (1968). A principal questão é o locus da mudança linguística, tão cara a Paul, a partir da qual, WLH (1968) constroem seu arcabouço teórico, procurando distanciar-se da perspectiva psicológica da visão neogramática da mudança. Sob a construção teórica de Paul, o lugar da mudança é o indivíduo e seu organismo linguístico. Mas, nesse caso, é preciso dar conta de como um organismo linguístico age sobre outro; para tanto lança mão da noção de uso linguístico. Em WLH (1968), há uma crítica contundente a essa noção e à falta de uma articulação entre a comunidade linguística - para eles o locus da mudança linguística - e o indivíduo. O ensaio passeia por esses temas, procurando chamar a atenção para o fato de que estamos muito longe de entender exatamente como se dá tal relação. Na verdade, subjaz a toda a elaboração a ideia de que tanto variação quanto mudança linguística contêm mistérios de cuja compreensão no máximo conseguiremos nos aproximar.

### Editores-chefes

Marcus Dores  
Célia Lopes

Recebido: 27/11/2024

Aceito: 06/02/2025

### Como citar:

PAGOTTO, Emilio  
Gozze. O eu profundo  
e os outros eus da  
variação e mudança:  
hermann paul hermann  
pai hermann bruxo.  
Revista LaborHistórico, v.11,  
n.2, e66298, 2025. doi:  
[https://doi.org/10.24206/  
lh.v11i2.66298](https://doi.org/10.24206/lh.v11i2.66298)

### **Palavras-chaves**

Mudança linguística. Variação linguística. Organismo linguístico. Neogramáticos. Uso linguístico.

### **Abstract**

This essay aims to mark in the process of writing itself the complex relationship between individual and society in the processes of linguistic variation and change. For that, it establishes a dialogue with the Hermann Paul's work and the seminal WLH (1968) paper. The main question, so relevant to Paul, is the locus of linguistic change, from that WLH (1968) build their model, aiming to be distant of the psychological neogrammarian view of linguistic change. Under Paul's view, the place of linguistic change is the individual and his linguistic organism. In this case, it is necessary to explain the fact that one organism acts over another one. To answer this question, he needs to resort the notion of linguistic use. In WLH (1968) paper, there is a several critique of this concept and the lack of an articulation between the linguistic community – to them the locus of the linguistic change – and the individual. This essay promenades over these topics, highlighting the fact that we are so far to understand exactly how this relationship happens. In fact, there is an underlying hypothesis to the work at all: both variation and linguistic change have mysteries which understanding we at most achieve to be near.

### **Key-words:**

Linguistic change. Linguistic Variation. Linguistic Organism. Neogrammarians. Linguistic use.

*cabeça cânion oco  
vão do cabelo ao pescoço  
onde alço voo quando toco  
o toco que me sustenta  
o eco seco que sou  
do outro lado do cânion  
(Rogério Leone)*

## 1. Boca<sup>2</sup>

No ato de fala, o átimo entre o antes dele e ele propriamente, a escolha de quem não escolhe, mas, no mais das vezes, é escolhido. No turbilhão e na repetição das falas, um jogo interminável de isto ou aquilo; na fluidez da língua que não se repete, o que se repete também pode ser outro, e o mesmo, ao mesmo tempo, ou em tempos distintos, ou tempo algum.

## 2. A primeira raiz do molar

O ato de fala é sempre fadado ao erro, ao abismo do que não se queria, ou do que não se podia dizer. Se uma forma variante como coisa, como som, é uma em várias, ou antes várias, variando a (com) uma outra que por sua vez não é uma só por si, que dizer do que significa, do que pode, do que rotula, do que marca, do que arranha em cada ato de fala menor que seja?

De lado deixe o sentido, o coisa ruim ele mesmo, fluido como o quiabo do capeta em caldeirão fervente, o sentido, esse um, conceito domesticado, ideologia vil, ironia imediatista e volátil, maldade insinuada das línguas de trapo ferinas da vizinhança, combinação de fórmulas concatenadas por operadores lógicos, urdida em paciente equação, castelo estruturado que se curva com curvas melódicas mínimas ou mínimos movimentos de olho. Não esse um, o sentido que chamamos de sentido das palavras, das frases ou dos enunciados, que é por si um outro mundo estranho, pantanoso, florestal amazônico, planície andina em que falta o ar a quem a coca faltou. Não esse, a que se prende e se relaciona a esse um que quero ver em luzes de ribalta nesse instante.

A forma variante significa, diz, é ela própria ato de fala no interior de outro ato de fala. Já se disse, por outro nome identidade. A variante ao se enunciar é um ato de identidade, mas se é ato, ao se dizer, o que é antes, quando é potência guardada em recinto de lava; e de qual forma? De lava mesmo, areia, água, barro, quartzo ou

---

<sup>2</sup> Agradeço muitíssimo a leitura da versão inicial deste texto à Claudia Pfeifer, ao Lauro Baldini, à Elisamara do Nascimento e ao Odair Vedovato. Me valendo de Gil, em Drão, os pecados são todos meus. Agradeço também à avaliação generosa do parecerista, que tornou possível fazer este ensaio circular.

lixo? Paralelepípedos organizadamente empilhados ou arroz cozido em água muita, ou papa de milho?

O antes e o agora: o drama de sempre da língua. Tudo na língua suporta em alguma medida a positividade da partícula atômica clássica; tudo na língua comporta essa positividade que o dedo do pesquisador aponta. Mas tudo na língua pode não ser. (exagero, bem sei; mas há ciência sem exagero? Toda hipótese tem um quê de desmedida, porque toda, se todo homem...). Pois bem, chegamos a uma das raízes do molar: esse antes da variante se diz assim, sem mais nem quê, como azulejo branco e se anuncia inconfundível, irretocável para o mais daltônico dos pedreiros? Ou é tijolo de vidro, vitral esmaecido, prisma involuntário que revela sempre outra cor ou outro fantasma, conforme o sol caminha ou gentes passam do outro lado?

Digo e afirmo: as duas coisas. A depender do olho do pedreiro. Resposta barata; sofisma de vendedor de sapatos sempre a lançar mão da numeração americana. Me explico.

Há um quê de ser servido ser a serviço do olho de quem vê. O oftalmologista das formas lhe constrói o que dizer, como se dizer o quê fosse possível, mas é ele e suas lentes, no final das contas, o que nos faz ver. Claro que queremos que o mundo dos dizeres que ele faz falar seja o mundo dos dizeres que julgamos ouvir, mas entre um e outro vai um ponto de observação, que cria baratas tontas sem lugares fixos no mundo das partículas subatômicas e no universo dos dizeres variantes. Assim é que, o sentido sentido, espichado e decupado pelo prisma da lente do médico das variações da língua, vem clarinho, cada cor no seu lugar: ao vermelho a classe z, ao azul aquela idade, amarelo, o homem pobre; até que no passar de um a outro, o zanolho do doutor tropeça numa vala de cores indeterminadas. Tropeça, mas acha que é só uma pedra, um cisco no olhar, um grão de poeira que veio no vento pra turvar a vista do arco-íris perfeito no fim do qual encontra o pote de ouro da explicitação matemática. Perde assim a visão mais fantástica daquilo que é (o) antes da forma variante variar: o vidro embaçado do sentido do que ela é-no-mundo do lado de cá, antes de dizermos, eu e toda a gente, quando pedimos água, xingamos o vento ou dizemos bobagem no ouvido da amada mais ou menos idealizada.

Tendeu? O antes do sentido é isso: o claro e transparente e saturado feito dente de bebê, e o mais ou menos entre os dentes, o sereno e o agitado, tudo-junto-e-misturado, como diz a gente jovem (ou a velha, pois, de resto, quando dizemos – diz o jovem, quer dizer um certo jovem na cabeça de nós todos: velhos, jovens e indiferentes).

### 3. A segunda raiz do molar

Pois bem. Posto o sentido de antes no seu lugar marcado, ainda que indistinto completamente, indestinto, melhor dizendo, vamos nos haver com a coisa mesma, que perseguimos como pegar galinhas no terreiro, poedeiras de ovos de saborosos fonemas, morfemas e sintagmas, a levá-las ao galinheiro imenso da língua mãe de todos os males, benes e porvires.

Isto é.

Ver de perto a coisa ser e não ser e ver de longe tantos seres e não seres a dizer discurseiras e encontrar as cores de azulejos indefiníveis que assentamos na seção de cima. Como disse o mestre: mire e veja.

Caminhamos por dentaduras e terreiros galináceos, para desentender o caudal de formas e sentidos do que o vivente abundante de dizeres quer dizer ao costurar o palavratório repousado em caixotes e caixotinhos entrelaçados no depósito elétrico do plasma consensado que a caixa óssea ovalada conserva em água gelatinosa. Cabeça é pântano de elétrons (mas isso é outro galinheiro). Variar é ser e não ser ao mesmo tempo, mas em cada instante distinto, por distintas razões, no mais das vezes inconfessáveis. Outra coisa é mudar. Mas mudar é mesmo outra coisa que não variar? Mudar é esquecer. Variar é lembrar (mas há também lembrar no mudar, memória é o nome disso, enquanto acesso há). Varia apenas o que não muda, e o que muda não varia mais. Num outro plano, o que na verdade muda varia pro ouvido que não pode ouvir mudança. Mudança é coisa que não se ouve. Só se ouve o que varia, mas o que varia pode ser mudança já.

Volto ao variar; da mudança falo já. Variar, final de contas, que será? Tudo parece tão óbvio, mas óbvio não é. Outro mestre das formas ocultas entreviu – o alquimista Labov: o que varia não é apenas o um e o outro no fluxo do vento. O que varia é uma invenção de quem olhou depois o flutuar da língua nos dizeres múltiplos.

(a forma variante é já a abstração do tempo que ela própria dura. Logo a variante é e não é em si mesma e é e não é na irrefreável sucessão de outras que são e que não são a mesma. – ou sendo bem explícito, há em [ t ] tantos milissegundos de silêncio e tantos milissegundos de turbulência frequencial de moléculas tresloucadas no exíguo espaço entre a língua e o palato! Mas há também outros [ t ] de forma vária: mais [t] e [ ] ou [ ] mais [s] e menos [ ]? ou menos [s] e mais [ ]? Onde estaria enfim a forma que escolho? A forma que eu escolho é na verdade a forma que me escolhe. A forma que me escolhe é todas elas que se escolhem a mesma para que eu a escolha e me apresente em várias, todas de vários tipos, mas uma só.)

Me canso. Um molar mói, um incisivo corta, um canino dilacera. A língua tem tudo isso, mas estou nos molares. Moer é o passo final do transformar o real da natureza crua (ou cozida...) em bolo alimentar pronto pros primeiros jatos de ácido clorídrico e pepsinogênio, no processo absurdo de transformar a maçã do

pecado original em açúcar que alimenta os raciocínios e as caminhadas. Me canso. Compreender as entranhas da forma que é uma e pode ser outra, sendo ao mesmo tempo uma coisa só, não é algo que se dê sem custo. Compreender como a uma deixa de ser, e passa a ser a outra, no mesmo corpo que mói a carne e o milho de sempre, é encontrar o graal da perenidade histórica: o ser-o-outro na incompletude de sempre como a essência do ser-da-língua, o mesmo e o outro -sempre- em um só, partido em mil, como potência, de existir em vários, sendo um só. Mudança é isto, potência. Quando se vê, potência morta, na conformidade do novo que vingou, sobre o velho, que morreu (e sobrevive como memória, que pode ser uma forma de morrer duas vezes, ou de viver, tantas vezes mil).

#### 4. A cabeça da boca

*Também sei fazer conjeturas.  
Há em cada coisa aquilo que ela é que a anima.  
Na planta está por fora e é uma ninfa pequena.  
No animal é um ser interior longínquo.  
No homem é a alma que vive com ele e é já ele.  
Nos deuses tem o mesmo tamanho  
E o mesmo espaço que o corpo  
E é a mesma coisa que o corpo.  
Por isso se diz que os deuses nunca morrem.  
Por isso os deuses não têm corpo e alma  
Mas só corpo e são perfeitos.  
O corpo é que lhes é alma  
E têm a consciência na própria carne divina.  
(Alberto Caiero, Poemas Inconjuntos)*

Eu sou assim esse outro que carrego em mim sem ser eu mesmo, mas me sendo, porque o trago a me espreitar. Também sou – quero crer – o outro que já fui e não sou, embora não me veja sendo outro, porque o que sou é tão presente em mim. Apenas quando me confronto com o outro que já fui – e teimo em não reconhecer que fui -, nas vozes que já não sou mais, mas que me dizem o que fui, seja por voltar ao bairro de infância, ou ao abraço eterno da mãe que ainda existe para me abraçar, é que me vejo outro, ou um outro em que não consiga mais me ver tão pleno.

A mudança (linguística ou não) é o não existente da existência. Saussure tinha razão de escanteá-la como coisa não dizível dos sistemas de relações presentes. A mudança é a não coisa que a gente supõe quando a diferença se instaura no fluxo do tempo. Em sendo assim, só existe como memória. Como processo, vamos combinar, é indizível como realidade concreta: quando exatamente fiquei mais gordo, mais feio ou mais velho? O dilema vem dos antigos, mas de outro modo: o barco que na

navegação ininterrupta teve substituídas todas as suas tábuas ainda é o mesmo barco? A questão aqui não é o mesmo que é sendo outro de materiais trocados, a questão aqui é quando o mesmo deixa de sê-lo, se o sabemos apenas quando vai longe o tempo, e os sábios, consultando seus alfarrábios, ou a gente comum – nós, no fim das contas – puxando pela memória, ou as fotos amarelecidas – constatam o susto da diferença que o tempo traz.

Hermann Paul. Lá (o homem é um lá, pra mim) estava escrito que a mudança não tem lugar no mundo, mas existe apenas no eu da língua, cujo é um órgão/orga-nismo linguístico, que tem vida em cada um de nós dos atuais 9 bilhões de seres da língua no planeta (tiro da conta a probabilidade de seres de outros mundos, mas se existirem e se tiverem lá linguagem, o problema será o mesmo. E nesses mundos haverá quem faça o mesmo devaneio). O eu da língua do bruxo Paul é um bicho físico e psicológico, uma besta fera linguística capaz de conter a potência de toda uma língua e a possibilidade de sua mudança – ou seja, Chomsky antes de Chomsky, mas muito mais amplo, um ser do fluxo. Encasquetei com isso, ingenuidade pura. Mas me comprazo em confrontar as certezinhas que circulam nesse mundão mundinho dos saberes certifiços emperdenidos dos laboratórios e megaláticos projetos metadáticos: onde está isto que zilhões de dados certos constatam e se certifica a partir de cálculos precisos em correlações milimetricamente estabelecidas? Onde, onde, onde?

Mudança não é coisa, dirão os espertalhões pantagruéis da ciência, é processo; e como tal não requer um espaço para chamar de seu, apenas um ser que se lhe possa remover as entranhas para torná-lo outro. A mudança não é nenhum dos dois – o antes ou o depois – mas tão somente o indizível entre eles. A aberração, a não coisa. Exagero, sei. Mas nem tanto. Ecoo aqui Mufwene, acho. Vamos lá. Espécie e indivíduo. A coisa está aí. Cada indivíduo é um; e de um em um que se modifica, no frigidar dos anos, a gente, de fora, anota: ih, é outra coisa. A espécie tem lá seus lastros biológicos, afinal de contas, tigres e patos não julgam adequado se acasalarem, apesar de terem, lá longe, um ancestral comum; mas a espécie é, como se sabe, muito mais uma construção daquele que olha de fora, abstraindo as infinitas mutações que estão em curso. Ainda assim, verdade seja dita, tigres e patos não se dão, que não na relação comida-e-boca.

As línguas são um tantinho mais complicadas do que os bichos. As línguas são bichos de segunda ordem, nem posso dizer que hóspedes são – como vírus ou bactérias – dos hospedeiros humanos. Se assim o dissesse, teria que dizer que são criaturas de vida própria, mas elas não estão por aí, levadas pelo vento, ou guardadas em algum montinho de terra ou pedra, esperando o hospedeiro passar. Tampouco as línguas são apenas criações humanas, como tacapes e flautas ou as cidades mais complexas, nesse sentido assim. Não. As línguas são o meio termo entretudoisso. As

línguas são como o ver e o ouvir, que parecem naturais, mas não são, mas também não são apenas invenção. Enfim. Temos as línguas ou elas nos têm?

Veja como complica a coisa. Sendo o que são, as línguas ainda têm essa coisa, essa propriedade que é mudar. Nisso se parecem muito com as modas, os costumes, os hábitos sociais, porém deles se diferenciam, porque, se são comportamentos, são comportamentos sujeitos a controles muito pouco socialmente determinados. Basta observar a estrutura silábica das línguas. Por que diferem entre si, meu Deus? Sendo assim essas criaturas ambíguas, desafiando a dicotomia translúcida do natural e do social, teimam ainda em ser criaturas históricas, passíveis de mudança (ai ai ai, caio aqui numa separação burra: pois se até as pedras podem ser concebidas como criaturas históricas num certo sentido, por que me espanto com as línguas?)

Então, no fim das contas, qual é o real da mudança linguística?

## 5. Crânio e encéfalo

Pior é que no mais das vezes carregamos em nós o antes e o depois, por nome variação, que diz pouco do mundo imenso que é o caso. Para a lente variacionista, é a concomitância dos tempos diferentes que se conversam nas calçadas, bares e janelas – reais ou virtuais hoje em dia -, sem deixar de ser o antes e o depois, mas ao mesmo tempo sendo um ou outro. Para os gerativistas, a mudança quando dá de ser, já é: o adulto já é um outro irreversível, feito outro na maquinaria diabólica do infantil cérebro fazedor de línguas. Administra o passado da língua que lhe salta aos ouvidos pilotando com maior ou menor maestria as bocas do fogão linguístico segundo a vocação mais ou menos atilada de lidar com receitas diferentes das quais uma vai desandar e queimar – aquela dos tempos do fogão a lenha. O funcionalista vê um bolo no forno eterno, em que as partes da massa estão eternamente num devir de prontas, e nunca prontas, as qualidades todas das partes quase indistinguíveis - e mesmo assim o bolo saboroso a qualquer tempo em que se prove.

Pode parecer questão de menos, mas, se de fato carregamos em nós por vezes o antes e o depois da língua conjuntos, num baile de calcanhares e cotovelos que se tocam, se repulsam ou se abraçam, seria o caso de ser porque é em cada um de nós que o grão da mudança reside, como queria o bruxo Paul. Seria isso, mas também não é de pôr de lado a memória social forjada nas escritas, que põe em um outro lugar, que não o ser sozinho euzinho, o passado como convívio e como sustentação de um presente inexistente. Mesmo no caso de ser só fala. Também aquelas línguas que só têm só fala para se sustentar podem operar na memória da fala digamos assim histórica as vozes do passado e suas formas outras. Mas a escrita, convenhamos, é ferramenta muito mais versátil e poderosa nessa tarefa de presentificar o passado e impor as suas condições de ancestralidade superior de não mudança. Divago pela

escrita e me afastei do ponto. Volto ao mago Paul e o lugar de residência do grão de mudança, no estado de variação.

A gente acha muito óbvio que a língua varie. Questão menos assim tão corriqueira é onde situar o variar da língua, mesmo quando isto que depois se constatará que mudança foi se deu. Aliás, a mudança tem isso, só se vê quando já foi, daí ser tão difícil de precisar onde se dá, se no corpo da sociedade (se é que sociedade tem corpo ou é coisa maior que seu próprio corpo, se este há) ou no corpo do vivente na sociedade e seu corpo (se é que tem ou é corpo, como já disse). Se é na sociedade, meus Deus, que coisa vaga e imprecisa é isso, a sociedade, que junta corpos, mentes, coisas coisa e coisas linguagem, desejos e ordenações infinitas de comportamentos e coerções, se é na sociedade, como dizia, a mudança da língua é sempre um depois de que talvez se conserve uma memória – quando as coisas da escrita estão em questão. Se não é um depois, a mudança é um embate, um ser ou não ser, um nós contra eles, aliás, não muito diferente do que para comidas, roupas, sapatos, casamentos e outros que tais. Se é no indivíduo, ora, se o indivíduo passa a ser outro, após a mudança, ele não pode ser a memória da mudança, pois é um já outro. Porém, terá sido ele que mudou, ou seja, se a mudança tem um território, é no indivíduo. A sociedade seria, neste caso, apenas o lugar do embate em que os indivíduos cospem e regurgitam as formas novas, no mais das vezes sem a menor consciência do que estão fazendo, do abalo hecatômbico de quilotons que o abrir da boca ao fim trazer.

Mas os túneis no queijo são mais sinuosos; as placas tectônicas são mais profundas; isto é, o buraco é mais embaixo. Paul propôs um enigma para o qual não tinha solução. O lugar da mudança é o indivíduo, que passa a ser outro, mas o indivíduo muda porque é afetado por outros. Aqui o bruxo pega, e o problema são as razões de origem: de um lado, por que um indivíduo se manifesta em um outro; de outro lado, como indivíduos outros são afetados pelas mesmas manifestações. A segunda questão tem sido objeto de infindas perquirições e elucubrações, das mais infantis às mais viajandonas. A primeira questão fundante é, de saída, irrespondível<sup>3</sup>. O mais próximo que se pode chegar de uma resposta é um paralelo com as versões originais da teoria da seleção natural de Darwin: variações na forma, aleatórias, motivadas por razões bem pouco linguísticas, no sentido sistêmico do termo, flutuações (não é coisa minha, está lá no alquimilinguista no já vai longe 1972) são capturadas pelo sistema heterogêneo da comunidade linguística e postas a funcionar como formas variantes. É esta a gênese que penso que o mago variacionista propõe para o processo de variação e que interpretei alhures como a seleção/captura, pelo sistema linguístico heterogêneo, de flutuações que passam a ter o estatuto de formas variantes, isto é,

---

<sup>3</sup> Não gosto de notas, mas acho que aqui vale. Estou pondo em relevo os processos de mudança que emergem nas estranhas das sociedades, sem a atuação de forças exógenas de contatos linguísticos com línguas ou dialetos que se dê no plano da interação entre os falantes. Muito do que vai aqui se aplicaria a tais situações, mas há fatores outros envolvidos que o espaço não me permite abordar.

deixam de ser meras oscilações e passam a operar já na estabilidade do sistema linguístico, estando disponíveis para expressar significados sociais, concorrendo pelo mesmo lugar no sistema linguístico heterogêneo. Se o leitor me segue até aqui, perceberá que, no caso da interpretação proposta, o lugar em que a forma variante se constitui não é o indivíduo, mas a sociedade. O indivíduo é a fonte das flutuações, a comunidade seleciona flutuações para funcionar em variação, porém os indivíduos ainda são o lugar da mudança, porque o antes e o depois não se resolvem em outro lugar que não no indivíduo (aqui, avanço em relação ao meu alhures). Isto é, isto é: dois lugares de coisas existem inexoravelmente interligados – o indivíduo e a sociedade. É drama aberto nos pensares sociais esta relação de todo-parte, criador-criatura, furacão e molécula.

Entre aqueles que se dão como tarefa e profissão o esmiuçar da língua posta como forma em sociedade, é serviço de entendimento que geralmente se negligencia ou se tangencia, como asteroide que ricocheteasse na atmosfera densa que a gravidade cria. E está lá, no oráculo neogramático, pre-saussureano porque Saussure vingou e ele, menos: o eu que é o mundo inteiro da linguagem e os outros eus, também mundos inteiros de linguagem, cercando a si. Sendo mais claro: a relação entre o indivíduo e a sociedade, no processo de variação e mudança. O pensamento dele, o bruxo pai, bruxo Paul: um organismo da língua bipartido em físico e psicológico, que contém em seu interior o sentido mecânico das articulações fonéticas e todos os arranjos de sentido que as palavras podem conter. O organismo é inacessível, somente o próprio eu pode perscrutar-lhe o funcionamento. No ato de fala, podemos entrever os ecos de seu funcionamento. Todo eu é, assim, uma língua inteira, plena. Mas se se sabe que as línguas mudam, então esse organismo inacessível também há de poder se alterar. O mecanismo pode fazer a fala flutuar, oscilar no espectro do sentido mecânico do gesto articulatório e expelir variação. Até aqui, o corpo social seria apenas uma caixa vibratória de oscilações aleatórias imperceptíveis, ignoráveis. Mas eis que chama a chama: no fluir do tempo a língua de todos muda. E mudar, nos termos aqui postos, implica a convergência de todos os eus organismozinhos linguísticos numa mesma direção, como soldados num desfile militar ou aviões numa esquadrilha de exibição espetacular.

Mudar é assim, a ação de um sobre o outro, em que o um que era outro muda, e outro, cujo um muda com o outro. Como é possível que um organismo mental, um espírito, ao tempo de Paul, haja sobre o outro? Bandeira:

### Arte de Amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

(Manuel Bandeira)

Propagação é corpo. Almas são incomunicáveis. Mas o bruxo Paul, vencido pelo impasse, precisa aquiescer. Esse corpo que sozinho é toda uma língua, não está sozinho, enfim. E o bruxo, na solidão do conhecimento de seu tempo, de poucos alcances do olhar de quem indaga, precisa admitir uma outra ordem: a dos interindividuos (aliás, noção de que o bruxo outro, o alquiminguista estatístico, também vai lançar mão), por nome uso linguístico, em tradução do alemão (veja o leitor a lista de alfarrábios consultados). Assim se explica: sou eu - e por eu, meu organismo linguístico- e expilo (expilo não existiria, mas passa a existir se o expilo) oscilações que meu sentido mecânico não controla completamente e meu mecanismo psicológico na distração deixa ir. Mas devo admitir: em cada um que me rodeia também há um outro eu e seu mecanismo que randomiza vacilações que vão ao ar. Se dependesse da minha vontade e do meu espírito sabente não traria para o meu corpo nenhuma diferença que ouvi. Volto ao ponto: o bruxo, no seu tempo Nostradamus da mudança, viu o de que não podia ver mais, com a luneta de que dispunha: há algo que vibra em grupo e isso reverbera no organismo plácido de cada um, que de beneplácito em beneplácito, faz o outro ecoar em si. Noutras palavras, a mudança andar.

Disseram mal dele os ultramodernos dos anos 60, os neoneogramáticos variacionistas pondo reparo na coisa toda: o eu não é um eu sozinho, como pode o de fora agir sobre o organismo do outro? Como vai agir sobre o gesto articulatório, modificando o sentido mecânico e todos os comandos neuromusculares, mandando executar uma africada onde antes estava programada uma plosiva, uma fricativa velar onde antes se fazia uma vibrante alveolar? Sim, faltava dizer por quê e como. Mas ainda falta dizer! Inda falta dizer! Faltava em 1968 e falta hoje em dia, ou não estaria eu desesperado tentando por em letras e palavras essa imensa indefinidade que sou eu diante do outro que varia, essa vastidão de não sentidos que me tortura e me faz torturar as palavras e o meu leitor condescendente nessa tentativa vã de dizer o indizível, de entender o inintendível. No ato de fala, o átimo entre o antes dele e ele propriamente, a escolha de quem não escolhe, a recolha de quem não recolhe,

a escumalha de lado e o metal puro da língua vindo à língua e aos dentes, o ser-o-outro num zás, sem que se aperceba sequer desse zás, no tempo sem tempo. Variar – insanidade. Até que a calma do não variar se instaura na nova argola de bronze ou ferro na forja do organismo linguístico. E miraculosamente outros tantos organismos no mesmo sentido, como as moléculas do ferro doce docemente se postando todas no mesmo sentido norte sul, e sendo assim parte do imã que as imantou. Mas por quê? Mudança não é vontade, alma é vontade. Se mudança fosse vontade, alma não quererá – pra quê? O querer... essa ilusão do espírito quando o corpo já foi pra lá longe. O querer engana o pensador das coisas que variam, ele próprio um espírito queredor. O querer não joga aqui. Definitivamente meu espírito sabente não está no governo. Os corpos se entendem, mas as almas, não.

## 6. A cabeça da boca

*Anjos ou deuses, sempre nós tivemos,  
A visão perturbada de que acima  
De nós e compelindo-nos  
Agem outras presenças.*

*Como acima dos gados que há nos campos  
O nosso esforço, que eles não compreendem,  
Os coage e obriga  
E eles não nos percebem,*

*Nossa vontade e o nosso pensamento  
São as mãos pelas quais outros nos guiam  
Para onde eles querem  
E nós não desejamos.  
(Ricardo Reis, Odes de Ricardo Reis)*

Mas falta, falta. O bruxo não conseguiu entrever o que é isto, a vontade coletiva. Como falta o modo como fala em nós a vontade do outro. Bem da verdade, vontade não é; antes uma dispersão de sinais que se espalham em pontos que somos nós. Estou atropelando o tempo dos conceitos, um em cada lugar que deveria estar, ao invés.

Será a coisa toda mais simples, translúcida e direta do que faço crer pra mim? Apenas imitamos o derredor, porque seríamos seres constitutivamente imitantes? Organismos linguísticos desprovidos de autoestima, propensos a plasmar o outro? Em caso de sim, mesmo assim, haveria detalhes a explicar (como de resto, em todo o resto), isto é, exatamente o modo como a imitação se dá. Toda a coisa nos levaria ao paradoxo da imitação: se fôssemos todos imitantes, estaríamos todos em looping imitativo, o que produziria um estado eterno de não mudança. Então haveria duas

espécies de organismos, os imitantes e os inovantes, uns subalternos aos outros? Desigualizamo-nos?

Claro está que o simples não é claro.

O bolo coletivo pode ser interpretado pela infinita gama de discursos que se ecoam e se amoldam e se atritam num jogo incessante de sentidos que faz o todo funcionar, sendo todo e partes grandes a se digladiarem. Mas esse bolo não é a simples soma de cada molécula de glúten falante. É coisa de outra dimensão. Assim sendo, como pode fazer agir os organismos individuais uns sobre os outros? A melhor maneira de pensar esse isto impensável é admitir que em cada eu se exercem todas as forças imitativas e repulsivas que constituem o poder que faz o todo ir na direção que vai. Não é um fora que manda, nem é uma soma de miniimãs orientados numa mesma direção. É tão simplesmente o poder como fluxo entre todas as partes, sem um ente de fora que propriamente as governe.

Foucault me fala. Sigo por aí.

Devo deslocar o bruxo Paul para dele ser tributário: no eu essencial há um outro que falta. O eu é uma língua inteira, mas integra a inteireza um buraco para o outro. É nesse vazio que fala, não exatamente o meu vizinho imediato, de cujos bifes na frigideira recebo o odor que me encanta ou me enjoa, mas um outro eu maior, que é ao mesmo tempo um nós que é um eu em cada um de nós. Tímido, vou a ele com esse vazio do eu organismo linguístico e lhe mostro, vacilante, como estaria aí a chave da fechadura da mudança linguística. De um lado, a possibilidade de ser um outro, aí instalada, fazendo de mim um outro em potencial ambulante; de outro, o espaço em que se faz a cadeia das relações de poder que são, no fim das contas, o cerne do bolo coletivo, dos cetros e bobos da corte imaginários, dos donos e dos possuídos, dos mandadores e dos mandados, tudo isso impregnado em cada forma, fazendo assim do assim chamado uso linguístico uma rede infinda de pontos em que o poder é a força que se expressa em relações de ida e vinda, de exercer e receber. E essa força é, ao mesmo tempo, a força que se expressa na coesão que produz o imaginário de coisa una do corpo social e a que opera na atração-repulsão entre os eus individuais, isto é, as ações nos níveis locais que tornam possível as mudanças caminharem ou não. Nenhuma mudança é, nesse sentido, a ruptura que se espalha; o é na dimensão da superfície a que o observador mais ingênuo tem acesso imediato, mas na dimensão onde as forças operam – inclusos aí os organismos linguísticos – o que temos é o moto contínuo do exercício do poder que faz as mudanças circularem como corrente elétrica. Não é à toa que – no nível metafórico aqui, seguindo o mundo físico do eletromagnetismo – eletricidade e magnetismo expressem com tanta clareza as dores e os mistérios que vão em mim e em cada um de vocês, e em todo mundo que não é vocês.

Vejo nos olhos do bruxo o que ele entreviu e não soube dizer. E os apressados neoneogramáticos de 68, no seu impulso de resgatar o mundo da obscuridade por meio da clarividência enganosa das fitas magnéticas e dos cálculos mais precisos,

apenas arranharam nas correlações estatísticas entre categorizações do corpo social e do corpo da língua em uso (aqui, pura e simplesmente o uso do velho bruxo reificado apesar da crítica ácida de 68). Há no organismo linguístico de cada um toda a chance de existir o mundo inteiro e todas as suas forças, naquele vazio em que o poder do corpo social se expressa. Assim, se cada organismo é uma língua inteira na sua inteireza, também tem no seu vazio constitutivo, o buraco negro gravitacional de todas as forças que tornam possível o corpo social existir. Não é que cada um seja o cosmo do uso social na sua versão micro; é que cada um contém em si a potência de ser todos, na expressão das forças de atração e repulsão que nos fazem existir. Quase mosqueteiros.

Será isto nós?

## 7. Cabeça do mundo no jarro

Respiro. O germe da mudança é uma casa vazia que vai em mim. Um vir-a-ser eterno, que é a um só tempo toda a ausência que me faz o mundo todo e todo um mundo que se faz a partir de mim. Se não estou sozinho, é apenas porque na cadeia infinita de relações de poder cada organismo é um elo de corrente, um anel de túnel por onde fluem formações diversas, como as cordas da conjectura louca em que espaço tempo se curvam na indistinção de dimensões que se sobrepõem. Mire a miríade: é isso que torna plausível que inovações percorram longas distância – facho de luz no vácuo, onda e partícula. Assombro. Se partícula, o grão da inovação vai junto das andanças humanas de maior ou menor escala, nas grandes marchas e navegações – forçadas ou não – ou no ir e vir comezinho e apressado de ônibus apinhados ou carros estilizados e blindados, soprado nos ouvidos cujo conduto o conduzirá, transformado em corrente elétrica ao núcleo de organismos linguísticos sempre propensos a ser outros, pelo vazio que os estrutura. Se onda, a inovação se transmuda em fóton de som (dirá o leitor da impropriedade da metáfora, que o fóton é partícula, mas aqui som deixa de ser som e passa a luz, navegando no vácuo do espaço) e vara o espaço, nos túneis multidirecionais em que os vazios se alinham, e vai num zás, encurvando o espaço e furando a dimensão do tempo dos caminheiros e dos corpos que envelhecem na dimensão dos vírus e vermes.

O todo e a parte são, nesse sentido, um só. O corpo social e o corpo que a terra há de comer, o mar há de engolir, o fogo há de queimar são um só. Não há que desenhar a relação entre a comunidade e o indivíduo, reclamada pelo trio de 68 (reclamação compreensível, ela própria não respondida pelos 50 e tantos anos seguintes de buscas desenfreadas em horas e horas de gravações sofregamente escrutinadas na volúpia pelo real, em orgias estatísticas extasiantes). Ela está lá, já dada, assim. Cumpre entender a natureza dessas forças que governam a onda-partícula e seus grãos de língua. Não vou fazê-lo aqui, que o tempo não permite e as forças me

vão. Só reitero sua natureza difusa, no sentido de que não são obra de um deus mau ou um deus bom que manipula as cordas de um teatro de bonecos, mas antes são eles enredados nas cordas urdidas por sucessivos alinhamentos da difusão de vontades e forças. Grãos da língua circulam nesse turbilhão de redemoinhos de forças, transmudadas em sentidos

## 8. Finzinho

Vi o bruxo sorrir no canto da boca, olhos brilhando. Juro que vi. Viu ele o que vi ou não? Delírio, claro. Mas o delírio é uma forma de conhecer. Que diria o bruxo?

Hora de terminar a rede, amarrar as pontas e deixar pronta a tarrafa epistemológica para lançar às águas da mudança, quando for boa estação para peixes, crustáceos ou moluscos deliciosos (a delícia é posterior à pesca, bem da verdade, mas ninguém pesca sem um quê de água na boca, a menos que seja um barco industrial. Mas aí não é pesca. É assassinato em massa).

O antes e o agora da variação – aqui o ato de fala realizado na possibilidade de ser o mesmo e o seu deslocamento. Mas qual é o mesmo da variação? O antes? É o todo do todo saturando de sentido o lugar vazio do organismo linguístico de cada um, ou a disputa renhida de formações diversas para exercer nas instâncias de poder de cada um vazando aquele mesmo vazio e sacudindo o organismo linguístico fazendo-o tender para ali ou acolá, ou permanecer no mesmo lugar. O agora é o salto no escuro, sob a atuação de forças que percolam o organismo linguístico, a possibilidade de ser outro, igualando-se a outros organismos linguísticos mesmo que a alma, de si pra si, não se reconheça nesse outro.

A mudança é o esquecido do que variou. Só no eu se dá, e no eu se esquece. Só se lembra no todo fora do eu e, quando percebida, é o imaginário que se cria da totalidade, como se lá estivesse, enquanto o que mudou, verdadeiramente, foi cada eu, no seu mundovivente circunscrito. Tudo se passa como se o rio fosse dois: o rio da margem e o rio do barco. A mudança é o indistinto entre os dois e, por isso mesmo, o indizível de nenhum dos dois. Afinal de contas, o Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.

O resto é mar.

E almas que se querem deuses, mas que corpos desgraçadamente são.

## **Emanações bibliográficas**

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

LABOV, W. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MUFWENE, S S. The ecology of language evolution. Cambridge: Cambridge University Press, 200

PAGOTTO, E. G. Variação e (é) identidade. Maceió: EDUFAL/EDUFBA, 2004.

PAUL, H. Princípios fundamentais da história da língua. Tradução de Maria Luisa Schemann. 1. ed. 1886. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations of a linguistic theory of change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (org.). Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968.